



O FEMININO, O INCESTO E A SEDUÇÃO: PROBLEMATIZANDO OS DISCURSOS DE CULPABILIZAÇÃO DAS MULHERES E DAS MENINAS DIANTE DA VIOLAÇÃO SEXUAL

Martha NARVAZ¹
Sílvia Helena KOLLER.

RESUMO:

O objetivo deste trabalho é problematizar os discursos de culpabilização feminina nos casos de abuso sexual. Temos encontrados discursos que atribuem às mulheres e às meninas vítimas de abuso sexual a culpa pelas violações sofridas, uma vez acusadas de sedutoras e provocadoras. Tais discursos têm atravessados os tempos, circulando desde as tragédias e mitos gregos até a atualidade em diferentes sociedades. Nesse contexto, destacamos o papel da Psicanálise Freudiana enquanto discurso normativo do feminino que, baseada em alguns equívocos, parece ter contribuído à reificação da sedução na cena incestuosa. Há, portanto, que desvelar tais discursos, identificar seus efeitos e problematizar suas naturalizações, ao que nos propomos através do presente trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Incesto; abuso sexual; mulheres; violência; feminino; gênero.

ABSTRACT:

This paper intends to problematize discourses about female blame in cases of sexual abuse. We have found discourses which lay the blame on women and girls victims of sexual abuse, who have been seen as provocative and seductive. These discourses have moved since Greek myths and tragedies and go around still nowadays for all different societies. In that sense, we would like to highlight the Freudian Psychoanalyze like normative discourse about feminine that, based on some mistakes, have a hand in reification of incestuous scene. There is important to disclosure that discourses, identify its effects and wonder about its naturalizations, what we would like to get in this paper.

KEY WORDS: Incest; sexual abuse; women; violence; feminine; gender.

INTRODUÇÃO

O interesse por este tema emergiu de narrativas coletivas que se construíram no cotidiano de nossa prática enquanto terapeuta de famílias e de grupos de mulheres e de meninas vítimas de várias formas de violência, inclusive de incesto. Também nossa inserção em outros espaços institucionais enquanto militante de Movimentos de Direitos Humanos, de Direitos das Crianças e das Mulheres levou-nos a refletir acerca dos discursos circulantes no

¹ Martha Narvaz é Psicóloga e Terapeuta Familiar, Especialista na área da violência doméstica (USP), Doutoranda em Psicologia (UFRGS). phoenix@terra.com.br.

Sílvia Helena Koller. Psicóloga, Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Coordenadora do Centro de Estudos Psicológicos sobre Meninos e Meninas de Rua-CEP-RUA/UFRGS. silvia.koller@gmail.com

Tese doutorado da primeira autora, sob orientação da segunda.

tecido social sobre incesto, transgressão e sedução feminina, foco de discussão no presente trabalho.

Em nossos trabalhos e pesquisas com famílias abusivas, em especial com mulheres vítimas de violência doméstica e suas filhas vítimas de incesto, nossa escuta ocorria não só em relação às subjetividades vitimadas, mas fundamentalmente aos discursos circulantes na dinâmica social e comunitária em que estavam inscritos. As falas daquelas mulheres e meninas denunciavam que suas tentativas de rompimento com as situações de abuso sexual geralmente eram mal acolhidas pelos órgãos de denúncia legal e pelo sistema de saúde aos quais recorriam. As crianças e as mulheres diziam-se desacreditadas ao realizarem seus relatos e, quando o faziam, não contavam com a proteção familiar, comunitária e institucional de que necessitavam. Permaneciam, assim, em situação de vulnerabilidade diante do medo de retaliação do agressor, uma vez denunciado. Por não acreditarem na real possibilidade de rompimento com a condição de assujeitamento e dominação impetrada pela violência, estas mulheres e meninas suportavam, às vezes por muitos anos, situações abusivas. Diante disso, silenciavam, mãe e filha, ambas vítimas de um sistema social opressor e hierárquico que não lhes oferecia suporte para a superação de sua condição de subordinação. A escuta daquelas famílias, em especial das mulheres e meninas, revelou-me, ainda, o despreparo das instituições para a acolhida das denúncias das violações que sofriam. Impregnadas por discursos que postulavam as teses da provocação e da sedução feminina, do silêncio, da convivência e da culpabilidade materna essas instituições, implícita e, por vezes, explicitamente, responsabilizavam as mulheres e as meninas pelos abusos sofridos. Instituições que deveriam ser instrumentos de garantia de direitos, de promoção de saúde e de proteção integral, constituíam-se em dispositivos disciplinares e de re-vitimização (NARVAZ, 2003, 2005).

O FEMININO, A SEDUÇÃO E A TRANSGRESSÃO

Mitos e tragédias gregas contam que, na origem do Universo, as primeiras deusas eram polifacéticas, criativas e destrutivas, boas e más ao mesmo tempo, cujos poderes eram independentes dos poderes masculinos e não estavam circunscritos à fecundidade. *Hécate*, divindade misteriosa, representa tanto as trevas e os horrores, quanto o esplendor da noite de lua cheia (BULFINCH, 2001). Tragédias clássicas como *‘As Bacantes’* e *‘Medéia’*, de Eurípedes, falam em mulheres independentes e poderosas, que integravam sexualidade e maternidade, bondade e maldade em uma só figura. Medéia, que matou por ciúme os próprios filhos ao ser traída pelo marido, encarna ora a imagem negativa de mãe má, ora a imagem de sabedoria, poder e força da mulher que não se submete à infidelidade masculina legitimada pela ordem patriarcal. As *‘Bacantes’* são mulheres de Tebas que abandonam seus lares à noite e celebram orgias, a ponto de uma delas matar o próprio filho sem o saber (MALUF, 1993; RINNE, 1988). Em *‘Antígona’*, tragédia de Sófocles, Electra e Antígona, filhas de Édipo, representam mulheres que, mesmo vivendo sob a égide paterna, ousam desafiar a dominação masculina reinante em Tebas (PIRES, 2002). O poder feminino é também representado pelas sacerdotisas, que conhecem a arte do amor e da adivinhação. Em *‘O Banquete’*, PLATÃO (1966) atribui tudo o que aprendeu sobre o amor à sacerdotisa Diotima de Mantinéia. A palavra *Mantinéia* “relaciona-se com a *mântica*, a arte da adivinhação e do delírio. O dom de ler sinais é poder dado a poucos. Sacerdotisa dos mistérios, tudo o que diz ou ensina Diotima liga-se estreitamente à ‘doença sagrada’, o amor” (MATOS, 2002, P. 115). Os poderes femininos, associados à capacidade reprodutiva, à sexualidade e à adivinhação eram percebidos, no entanto, como ameaçadores. Aparece, então, o mito da criação do Universo por Zeus, que toma para si a capacidade reprodutiva e engrandece a paternidade, destituindo

as imagens femininas de seus poderes. Em outros mitos, como os de Pandora, Perséfone e Psique, as mulheres são representadas como curiosas, frívolas, dependentes e feitas apenas para agradar aos deuses masculinos (BULFINCH, 2001).

Estudo de MALUF (1993), com moradores da Lagoa da Conceição, na Ilha de Santa Catarina, descreve narrativas sobre bruxas e bruxarias. Tais narrativas falam de mulheres que, à semelhança das *'Bacantes'* de Eurípedes, saem de suas casas, abandonam seus lares e, encontrando-se em lugares ermos, celebram orgias homossexuais durante a noite; atacam os homens e enfeitiçam as embarcações e as redes de pesca, instrumentos de trabalho dos homens do povoado. O feitiço é quebrado quando estes homens olham 'fundo nos olhos das bruxas', descobrindo quem elas são. Evidencia-se aí força do contra-poder masculino. Pesquisas (FONSECA, 1992) em bairros populares de Porto Alegre encontraram narrativas espontâneas de mulheres descritas, segundo esta autora, como valentes, malandras, interesseiras e transgressoras, que não admitem ser traídas pelos maridos. Estes, em piadas e fofocas, são os "guampudos" (FONSECA, 1992, p. 310). A tentativa de enclausuramento das mulheres é percebida nestes estudos como estratégia de controle dos homens diante do medo da transgressão feminina. Sentindo sua masculinidade ameaçada por homens de grupos dominantes, mais abastados, há a crença implícita de que, se o homem não oferece adequado conforto à mulher, esta não tem a obrigação de ser fiel, indo procurar um "melhor casamento" (FONSECA, 1992). Os homens são vítimas das mulheres também em alguns mitos indígenas investigados por RODRIGUES (1995):

Os mitos Javaé falam de irmãs que seduzem o próprio pai, praticando o incesto; falam de mães esfoameadas que negam comida para a própria filha biológica; falam de avós que enganam os netos e os obrigam a comer a carne de sua própria mãe, representando o incesto simbólico; falam de esposas que escondem a água do próprio marido, obrigando-o a inventar o rio e de esposas que traem os maridos com um amante cujo falo é imenso (...). Estes temas se repetem em vários mitos. As mulheres são caracterizadas como seres cujos desejos individuais têm preponderância sobre a ordem coletiva. Ante de tudo, elas têm fome de comida ou de sexo e, para saciar esses desejos, são capazes de violar as mais básicas regras sociais, negando a continuação da sociedade (...). Enquanto as mulheres são punidas, os homens transcendem à condição anterior, adquirindo algum tipo de poder, como forma de se defender ou de controlar a atitude das agressoras imorais (p. 137 –138).

O DISCURSO DE CULPABILIZAÇÃO DAS MULHERES E DAS MENINAS

Os discursos de sedução e de culpabilização do feminino têm atravessado a história há séculos. Além de serem percebidas como passivas, acusadas de permanecerem em relações violentas e de não protestarem contra os abusos sofridos, as mulheres e meninas têm sido vistas como provocadoras, sedutoras e, portanto, culpadas pela violência que sofrem (JONES, 1994; KOLTUV, 1986; RAVAZZOLA, 1999; VIGARELLO, 1998; ZUWICK, 2001). Desvela-se, assim o discurso patriarcal inscrito nas teorias da provocação, da convivência e cumplicidade femininas (ver NARVAZ, 2004a, 2004b, 2005), segundo as quais as mulheres e meninas, sedutoras, provocam a sexualidade masculina e são culpadas pelas violências que sofrem. Mãe e filha, nos casos de incesto, são colocadas numa posição de rivais, ao invés de vítimas. Tais teorias estigmatizam as mulheres, homogeneizando-as como co-autoras e culpadas pelos abusos sofridos, tanto por elas quanto pelas filhas. Às mães negligentes, não protetivas ou sexualmente não responsivas aos desejos sexuais dos maridos são atribuídos

vários distúrbios psiquiátricos, rotuladas de doentes mentais (MILLER, 1994). O silenciamento das mães diante do incesto das filhas, interpretado como cumplicidade e convivência, necessita ser situado no contexto histórico da subordinação feminina (NARVAZ, 2005; STREY, 1998). Não se pode atribuir igual responsabilidade a pessoas que têm diferentes percentuais de poder em uma relação (NARVAZ & KOLLER, 2004a; PERELBERG, 1994). Para “compreender o porquê de a mulher permanecer com quem a agride, torna-se necessário desvelar essa realidade oculta que oprime cotidianamente a mulher e a mantém no pólo da subordinação” (CARDOSO, 1997, p.136).

A recusa em acreditar no relato das vítimas de abuso sexual não ocorre apenas pela mãe das vítimas. Profissionais que atuam em diversos segmentos, tais como na saúde, na educação e nos sistemas de garantias de direitos da infância e da adolescência, despreparados tecnicamente (BRINO & WILLIAMS, 2003) e influenciados pela crença de que as crianças mentem e fantasiam sobre o abuso, tendem a desacreditar e a invalidar a tentativa de revelação. O tabu da sexualidade perpassa todo o tecido social, dificultando o acolhimento da revelação do abuso sexual não só pelas mães das vítimas de incesto, mas pela comunidade social e científica, o que é uma forma de (re)vitimização (ver NARVAZ, 2005). A crença de que a criança fantasia o abuso e seduz o pai abusivo parece estar associada à disseminação da psicanálise e das fantasias edípicas, tributárias da teoria freudiana da sedução. Na atualidade, alguns aspectos da psicanálise têm sido criticados (CROMBERG, 2004; KEHL, 1992, 1998), em especial no que concernem à sexualidade feminina.

GALLOP (1982) e MASSON (1984) demonstraram que as fantasias de sedução de pacientes analisadas por Freud não eram fantasias, mas relatos de abusos sexuais reais. Segundo estes autores, a teoria do trauma infantil teria sido originada destes relatos. Estas evidências estão documentadas nos debates de Freud com outros psicanalistas, com os quais se correspondia por cartas que foram encontradas no Museu de Viena por Masson. Dada a negativa repercussão destes achados na apresentação ao Círculo Psicanalítico, formado predominantemente por psicanalistas masculinos da Viena vitoriana de então, Freud teria modificado a teoria do trauma, elaborando a teoria da sedução. Conta MASSON (1984):

Quando Freud anunciou suas novas descobertas no discurso de 1896 sobre a etiologia da histeria, não encontrou qualquer refutação fundamentada, qualquer discussão científica, mas apenas repulsa e reprovação. A idéia de violência sexual na família tinha tal carga emocional que a única reação que encontrou foi a aversão irracional. Enfrentando a hostilidade de seus colegas às suas descobertas, Freud sacrificou seu maior insight. Quando Ferenczi, uma geração depois, foi levado por seus pacientes a mesma descoberta, encontrou reação semelhante (...). Quando outros quarenta anos depois Robert Fliess instou a comunidade psicanalítica a reexaminar a teoria do trauma sexual na infância, encontrou a reação que, já agora, se tornara comum (p. 179).

Para CROMBERG (2004), apesar da recusa freudiana da teoria da sedução, a psicanálise tem importante contribuição a dar na compreensão do abuso sexual, em especial a partir do trabalho de Sandor Ferenczi, psicanalista, aluno, analisando e amigo de Freud. Ferenczi, em 1933, ano de sua morte, escreve o célebre trabalho “*Confusão de língua entre adulto e crianças*”, no qual retoma a idéia do trauma freudiano com base nos relatos de histórias reais de sedução e de abuso infantil. Neste ensaio, FERENCZI (1933) retoma o fator traumático na etiologia das neuroses, alertando para os perigos de não se considerar a origem real exterior destes eventos, particularmente do traumatismo sexual. Explícita, dessa foram,

seu desacordo com Freud e com os analistas da época, que não acreditavam na existência de tantos pais perversos capazes de cometerem abusos sexuais. FERENCZI (1933) não desconsidera o papel das fantasias sexuais, entendendo que a criança participa do jogo de sedução, que pode tomar uma forma erótica, mas que permanece sempre no nível da ternura. Já os adultos que têm uma predisposição psicopatológica,

Confundem as brincadeiras das crianças com os desejos de uma pessoa que já atingiu a maturidade sexual, e se deixam levar a atos sexuais sem pensar nas conseqüências (...). As crianças se sentem física e moralmente sem defesa, sua personalidade ainda muito fraca para poder protestar, mesmo em pensamento, contra a força e autoridade esmagadora dos adultos, deixando-as mudas, e podem até fazê-las perder a consciência. Mas esse medo, quando atinge seu ponto culminante, obriga-as automaticamente a se submeter à vontade do agressor, a adivinhar o menor de seus desejos, a obedecer esquecendo-se completamente de si, e a se identificar totalmente com o agressor. Por identificação, digamos por introjeção do agressor, ele desaparece enquanto realidade exterior, e torna-se intrapsíquico (...). De qualquer forma, a criança consegue manter a situação da ternura anterior (...). Mas a mudança significativa, provocada no espírito da criança pela identificação ansiosa com o parceiro adulto, é a introjeção do sentimento de culpa do adulto: a brincadeira até então anódina, aparece agora como um ato que merece punição (...). A criança que sofreu abuso torna-se um ser mecanicamente obediente, ou teimosa (...). Sua vida sexual não se desenvolve, ou toma formas perversas; não falarei aqui das neuroses e psicoses que podem daí resultar (FERENCZI, 1933, p. 351- 352).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As meninas, ao buscarem carinho e afeto da figura masculina, recebem sexo e são culpabilizadas por isso. É crucial entender que, mesmo diante de um possível comportamento sedutor da menina/adolescente, cabe ao adulto delimitar as fronteiras adequadas da experiência erótica. Como diz NEUTER (1993, p.205), “apesar de seus comportamentos sedutores, que constituem uma demanda de reconhecimento de sua existência, de sua desejabilidade, de sua feminilidade, o que a filha demanda ao seu pai é que ele encarne o interdito.” A sedução da criança em sua demanda de amor e de reconhecimento pelas figuras parentais é constitutiva da subjetividade. Mesmo que haja sedução da menina em relação ao pai, padrasto ou cuidador, é o adulto que deve delimitar as fronteiras da experiência erótica e não confundir a linguagem da ternura da criança com a linguagem adulta do desejo erótico. Ainda que a psicanálise considere a possibilidade de sedução e de fantasias sexuais, a passagem da fantasia ao ato é uma forma traumática de violação, não só do corpo mas, sobretudo, da subjetividade da criança, impedida, agora, de fantasiar e atormentada pela culpa que deveria ser do adulto abusivo (CROMBERG, 2004). Diferentes perspectivas teóricas parecem concordar com a inequívoca idéia de que as vítimas de abuso sexual jamais podem ser responsabilizadas pelo abuso sofrido (AMAZARRAY & KOLLER, 1998; CROMBERG, 2004; FURNISS, 1993; GABEL, 1997; MADANES, 1991; NARVAZ, 2004A, 2004b), discurso que ainda necessita ser veiculado pelo tecido social a fim de contrapor preconceitos sexistas e androcêntricos implícitos nos discursos sobre a provocação, a sedução e a culpabilidade feminina diante da violação, discussão a qual nos propomos com o presente trabalho.

REFERÊNCIAS

- AMAZARRAY, M. R. & KOLLER, S. H. Alguns aspectos observados no desenvolvimento de crianças vítimas de abuso sexual. *Revista de Psicologia Reflexão e Crítica*, 11, (3), 546-555, 1998.
- BULFINCH, T. *O livro de ouro da mitologia: Histórias de deuses e heróis*. (15.ed.). Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.
- BRINO, R. F. & WILLIAMS, L. C. A. Capacitação do educador acerca do abuso sexual infantil. *Interação em Psicologia*, 7(2), 1-10, 2003.
- CROMBERG, R. U. *Cena incestuosa: Abuso e violência sexual*. 2. ed. Coleção Clínica Psicanalítica. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2004.
- CARDOSO, N. M. A socialização do gênero feminino e suas implicações na violência conjugal em relação às mulheres. In A.V. ZANELLA, M. J. SIQUEIRA, L. A. LULHIER & S. I. MOLON (Orgs.), *Psicologia e práticas sociais*. Porto Alegre, ABRAPSOSUL, 1997, p. 280-292..
- FERENCZI, S. Confusão de línguas entre os adultos e as crianças. In: *Escritos Psicanalíticos*. Rio de Janeiro, Taurus, 1933.
- FONSECA, C. Honra, humor e relações de gênero: Um estudo de caso. In A. COSTA & C. BRUSCHINI (Orgs.), *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992, p. 310-333.
- FURNISS, T. *Abuso sexual da criança*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1993.
- GABEL, M.. *Crianças vítimas de abuso sexual*. São Paulo, SUMMUS, 1997.
- GALLOP, J. *Daughters and seduction*. New York: Cornell University, 1982.
- KEHL, M. R. O espaço doméstico e a sexualidade da mulher. In A. D'INCAO (Org.), *Doença mental e sociedade: Uma discussão interdisciplinar*. Rio de Janeiro, Graal, 1992, p. 136-150.
- KEHL, M R. *Deslocamentos do feminino*. Rio de Janeiro, Imago, 1998.
- KOLTUV, B. B. *O livro de Lilith*. São Paulo, Cultrix, 1986.
- MADANES, C. *Sexo, amor e violência*. Campinas, Psy, 1991.
- MALUF, S. *Encontros noturnos: Bruxas e bruxarias na Lagoa da Conceição*. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1993.
- MATOS, O . Benjamin e o feminino: Um nome, o nome. In TIBURI, Márcia; MENEZES, M. & EGGERT, E. (Orgs.), *As mulheres e a filosofia*. São Leopoldo, Unisinos, 2002, p.103-122
- MASSON, J. M. *Atentado à verdade: A supressão da teoria da sedução por Freud*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1984.
- MILLER, A. O relacionamento mãe-filha e a distorção da realidade nos abusos sexuais na infância. In R. J. PERELBERG & A. C. MILLER, (Orgs.) *Os sexos e o poder nas famílias*. Rio de Janeiro: Imago, 1994, p. 151-162.

- NARVAZ, M. Quem são as mães das vítimas de incesto? *Nova Perspectiva Sistêmica*, 12_(21), 2003.
- NARVAZ, M. *Mitos e fatos acerca da violência contra a mulher: A teoria da provocação feminina*. Conferência apresentada no Encontro Municipal de Prevenção à Violência contra a Mulher, Coordenadoria da Mulher, Caxias do Sul/RS, 2004a. Disponível em http://www.psicologia.ufrgs.br/cep_ua.
- NARVAZ, M. *Mitos e fatos acerca do abuso sexual infantil: Desvelando os mitos acerca da teoria da sedução e da fantasia infantil nos casos de abuso sexual*. Conferência apresentada no Encontro de Capacitação dos Conselheiros Tutelares da Região da Serra, Prefeitura Municipal de Caxias do Sul/RS, 2004b. Disponível em http://www.psicologia.ufrgs.br/cep_ua
- NARVAZ, M. *Submissão e resistência: explodindo o discurso patriarcal da dominação feminina*. 2005. Dissertação de Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005, 298 p. Disponível em http://www.psicologia.ufrgs.br/cep_ua.
- NARVAZ, M. & KOLLER, S. H. Famílias, violências e gêneros: Desvelando as tramas da transmissão transgeracional da violência de gênero. In M. STREY, M. P. R. DE AZAMBUJA & F. P. JAEGER (Orgs.), *Violência, Gênero e Políticas Públicas*, Coleção Gênero e Contemporaneidade 2. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 149- 176.
- NEUTER, P. de. Pai Real, Incesto e Devir Sexual da Menina. In: *O Sujeito, O Real do Corpo e o Casal Parental*. Coleção Psicanálise da Criança. Rio de Janeiro: Ágalma, 1989.
- PIRES, C. Antígona: Hermenêutica do público e do privado. In M. TIBURI, M. M. DE MENEZES & E. EGGERT (Orgs.), *As mulheres e a filosofia*. São Leopoldo: Unisinos, 2002, p. 123-134.
- PLATÃO. *O Banquete: Do amor*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1966.
- PERELBERG, R. J. Igualdade, assimetria e diversidade: sobre as conceitualizações dos sexos. In R. J. PERELBERG. & A C. MILLER (Orgs.) *Os sexos e o poder nas famílias*. Rio de Janeiro: Imago, 1994, p.47-67.
- RAVAZZOLA, M. C. *Historias infames: los maltratos en las relaciones*. Buenos Aires, Paidós, 1999.
- RINNE, E. *Medéia*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1988.
- RODRIGUES, P. Alguns aspectos da construção de gênero entre os Javaé da Ilha do Bananal. *Cadernos Pagu*, 5, 131-147, 1995.
- STREY, M. N. Violência e gênero: um casamento que tem tudo para dar certo. In P. K. GROSSI & G. C. WERBA (Orgs.), *Violências e gênero: coisas que a gente não gostaria de saber*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2001, p. 47-70.
- VIGARELLO, G. *História do estupro: violência sexual nos séculos XVI-XX*. Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1998.
- ZUWICK, A. N. O corpo violado. In P. K. GROSSI & G. C. WERBA (Orgs.), *Violências e gênero: coisas que a gente não gostaria de saber*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2001, p. 83-94.

Artigo recebido: 24/12/2006

Aprovado: 30/04/2007

